

Perdão da dívida não quebra bancos

JOSÉ MEIRELLES PASSOS

WASHINGTON — O governo americano revelou ontem, à Comissão de Bancos e Finanças do Congresso Nacional, de forma inesperada, que se os nove maiores bancos americanos — responsáveis por 85% dos empréstimos aos países mais endividados — decidissem perdoar até 100% da dívida dessas seis nações (Argentina, Brasil, Chile, México, Venezuela e Filipinas) ainda assim eles permaneceriam estáveis.

— Os bancos dos Estados Unidos, hoje, estão numa posição melhor para absorver o impacto de qualquer suspensão do pagamento do serviço da dívida — afirmou o Vice-Presidente do Federal Reserve (Banco Central americano), Manuel Johnson.

Além dessa revelação, os líderes dos três organismos federais que cuidam do sistema financeiro dos Estados Unidos — o Federal Reserve Board, o Controlador da Moeda, e Federal Deposit Insurance Corporation (FDIC), que garante todos os depósitos bancários — concordaram que é hora de se encontrar uma solução para a dívida externa. Eles disseram que apoiam a iniciativa do Presidente eleito, George Bush, em adotar um enfoque totalmente diferente na tentativa de solucionar a crise da dívida.

As novidades, anunciadas formalmente no Congresso, ontem de manhã, surpreenderam a comissão especial dos deputados que há dois dias recolhe depoimentos de especialistas em economia internacional pa-

Dívida do terceiro mundo com os bancos americanos

(Em US\$ bilhões)

ANO	TOTAL	% SOBRE CAPITAL
78	62,2	116
79	61,8	124
80	75,5	132
81	92,8	148
82	103,2	146
83	106,8	135
84	107,1	133

FONTE: Estudos Econômicos

ra estudar a viabilidade de criar uma legislação específica para promover o alívio da dívida externa dos países em desenvolvimento. William Seidman, Presidente do FDCI, deixou claro que há muita margem para manobras nesse sentido.

— Todos os grandes bancos continuariam solventes mesmo se eles transformassem o valor nominal da dívida externa dos seis maiores devedores, passando a encará-la de acordo com as cotações do mercado secundário (onde cada dólar devido pelo Brasil, por exemplo, está valendo 42 centavos) — disse Seidman, acrescentando que os bancos suportariam até uma perda maior.

O banqueiro Pedro Pablo Kuczynski, Presidente do First Boston International, que também depôs perante

a Comissão de Bancos e Finanças do Congresso, aceitou esse raciocínio.

— Os empréstimos feitos ao Terceiro Mundo não apresentam nenhum perigo para os bancos grandes ou pequenos — disse ele. — Acho que o que se necessita agora é de urgentes e novas iniciativas para resolver o problema da dívida. — concluiu.

Robert Clarke, que ocupa o cargo de Controlador da Moeda, disse que a queda da exposição dos bancos, ou seja, a diminuição do volume que emprestaram ao Exterior, somado ao aumento de seu capital, diminuiu consideravelmente a sua vulnerabilidade.

— Nos últimos seis anos, bancos com empréstimos aos maiores devedores conseguiram diminuir em US\$

21 bilhões o valor do total emprestado. E, ao mesmo tempo, aumentaram seu capital em cerca de US\$ 58 bilhões — informou Clarke.

Seu colega Manuel Johnson, Vice-Presidente do Federal Reserve, confirmou que o efeito potencial dos problemas da dívida do Terceiro Mundo no sistema bancário americano foi praticamente afastado. Em junho de 1982, os bancos tinham US\$ 344 bilhões em mãos dos devedores. Em junho passado, ou seja, seis anos depois, esse total baixara para US\$ 280 bilhões. Em 1982 haviam US\$ 90 bilhões emprestados ao Brasil, México, Argentina e outros 12 grandes devedores: em 1988 essa cifra caiu para US\$ 53 bilhões. Só nos últimos meses (até junho de 1988), houve uma diminuição de US\$ 8,6 bilhões — dinheiro que os países pagaram aos credores privados. As conclusões apresentadas pelos três altos funcionários das finanças americanas fortaleceram a tendência da maioria democrata no Congresso em criar mecanismos legais que proporcionem um alívio da dívida para os países em desenvolvimento.

Por sua vez, o Controlador da Moeda, Robert Clarke, disse que ainda que a exposição (**exposure**) dos bancos americanos continue sendo uma fonte de preocupação para o governo federal, foram criados novos programas e regulamentos para ajudar a reduzir o risco dos banqueiros. Na opinião do Vice-Presidente do Federal Reserve, Manuel Johnson, o sistema financeiro internacional já está apto a lidar com o problema da dívida.